



## A CONCORDÂNCIA NOMINAL COMO UM MARCADOR ESTILÍSTICO DE CONSTRUÇÃO DA PERSONA ESTEREOTIPADA DO ACADÊMICO DA UFSC<sup>1</sup>

### NOMINAL AGREEMENT AS A MARKER STYLE OF CONSTRUCTION OF THE STEREOTYPED PERSONA OF THE UFSC ACADEMIC

*Ariele Helena Holz Nunes<sup>2</sup>*

*Sabrina Vieira Teixeira<sup>3</sup>*

#### RESUMO

Este estudo tem por objetivo demonstrar como a concordância nominal pode se transformar em um marcador estilístico estereotipado no meio acadêmico, o qual influencia a construção da persona universitária. Para tanto, assumimos o trabalho reconfigurado com entrevistas sociolinguísticas, cuja coleta de dados seguiu o modelo laboviano variacionista. Ao todo, quinze entrevistas sociolinguísticas compuseram a amostra que será analisada no decorrer deste artigo. As entrevistas foram realizadas com acadêmicos de diversos cursos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estratificados por deslocamentos e nível de letramento em quatro células sociais. O protocolo de coleta de dados foi replicado da amostra Deslocamentos (2019), do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), e segue as diretrizes do projeto. À luz de Labov (1963, 1966, 1972a, 2010), Scherre (1988, 1997), Eckert (2005, 2012), Camacho (2010), Freitag, Martins e Tavares (2012), Hora (2014), Severo (2014), entre outros autores; chegamos ao entendimento de que a concordância nominal constitui um importante marcador estilístico presente na identidade da persona universitária. A relevância do estudo se dá, em termos gerais, na escolha em abordar o fenômeno da concordância nominal pela perspectiva dos estudos de terceira onda em uma amostra coletada nos moldes labovianos variacionistas de primeira onda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrevistas sociolinguísticas; Três ondas da sociolinguística; Estilo; Construção da persona; Concordância nominal.

---

1 Este artigo é fruto das discussões e atividades propostas na disciplina de Sociolinguística e Dialectologia, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC) no semestre 2019/2. Agradecemos aos professores Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dra. Izete Lehmkuhl Coelho, Dra. Loremi Loregian-Penkal e Dr. Marco Antonio Martins pela partilha de conhecimentos e orientações de leitura e escrita. Estendemos os nossos agradecimentos aos pareceristas anônimos pelas sugestões que contribuíram com a melhoria deste artigo. As autoras também agradecem ao Projeto VARSUL e ao Projeto *Falares Sergipanos* pelo apoio.

2 Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [holz.arielle@gmail.com](mailto:holz.arielle@gmail.com). A autora agradece à CAPES (processo 88887.639125/2021-00) pelo apoio financeiro.

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: [vieiratsabrina@gmail.com](mailto:vieiratsabrina@gmail.com).

## ABSTRACT

This study aims to demonstrate how the nominal agreement can become a stylistic marker that influences the construction of the university persona. We assume the reconfigured work with sociolinguistic interviews, whose data collection follows the variationist labovian model. In all, fifteen sociolinguistic interviews constitute the sample that will be analyzed in this article. The interviews were conducted with academics from several courses at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), which were stratified by displacements and level of literacy into four social cells. The data collection protocol was replicated from the Displacements sample (2019) of the Falaes Sergipanos database (FREITAG, 2013), and follows the guidelines of the project. Through the theoretical basis of Labov (1963, 1966, 1972a, 2010), Scherre (1988, 1997), Eckert (2005, 2012), Camacho (2010), Hora (2014), Freitag, Martins and Tavares (2012), Severo (2014), among other authors; we identify that nominal agreement represents an important stylistic marker in the university persona's identity. The relevance of the study is in the choice to approach the phenomenon of nominal agreement from the perspective of third wave studies in a sample collected in the first wave labovian variationist molds.

**KEYWORDS:** Sociolinguistic interviews; Three waves of sociolinguistics; Style; Persona construction; Nominal agreement.

## Introdução

O percurso histórico da Sociolinguística estabelece uma relação intrínseca com as pesquisas labovianas, tanto em linhas teóricas quanto em procedimentos metodológicos. Nesse sentido, pode-se dizer que as entrevistas sociolinguísticas, implantadas inicialmente por Labov (1972a), na tentativa de investigar o vernáculo dos indivíduos de dada comunidade de fala, são um grande marco para a Sociolinguística, configurando em uma das principais estratégias metodológicas do campo. A priori, as entrevistas sociolinguísticas devem ser utilizadas para investigar os usos linguísticos e os padrões de fala que identificam uma comunidade mais ampla, todavia, podem ser adaptadas e tomadas para outros fins a critério do pesquisador.

Almejando descrever a experiência com o manuseio de entrevistas sociolinguísticas, este estudo seleciona como fenômeno linguístico a ser analisado a concordância nominal. A discussão tem por objetivo demonstrar como a concordância nominal pode se transformar em um marcador estilístico estereotipado no meio acadêmico, o qual influencia a construção da persona universitária. Tendo em conta esses fatores, o foco de análise deste trabalho sai da comunidade de fala, em que se incorpora o social como o reflexo da estrutura linguística (LABOV, 1972a) e adentra nos usos identitários que os falantes fazem da língua, enfatizando as práticas sociais e linguísticas como aspectos que se interligam e assumem o social como fundante do linguístico, trazendo à tona a variação estilística.

As concepções de Eckert (2005, 2012) acerca das três ondas da Sociolinguística embasam este estudo. Assumimos como parâmetro, sobretudo, os estudos de terceira onda, em que o foco é o estilo. Em relação à metodologia, este estudo se baseia na coleta<sup>4</sup> e análise de entrevistas

4 A coleta de dados foi realizada em 2019.

sociolinguísticas, realizadas em um movimento de replicação da amostra Deslocamentos (2019), do *Projeto Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), as quais seguem as diretrizes do projeto. Foram utilizadas como objeto de investigação estilística quinze entrevistas sociolinguísticas que atualmente constituem o acervo do Projeto VARSUL<sup>5</sup> (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). A amostra foi construída em parceria com outros pesquisadores e compartilhada para a discussão de outros fenômenos além da concordância nominal.

O interesse, portanto, em transformar este trabalho em um estudo de terceira onda vem da observação da expressiva marcação de concordância nominal na fala dos acadêmicos-informantes. Sabendo que pesquisas quantitativas<sup>6</sup> de primeira onda sobre a concordância de número (cf. FONSECA; FRANCESCHINI; LOREGIAN-PENKAL, 2018; LUCCHESI; DÁLIA, 2020 para uma visão), que comumente abordam condicionadores linguísticos<sup>7</sup>, já são recorrentes na literatura, este artigo se debruçará sobre a noção de estilo como o reflexo de práticas identitárias dos universitários da comunidade de fala em que as entrevistas foram coletadas. A marcação não só é influenciada pelo nível de letramento que os sujeitos carregam, como está ligada ao perfil social desses indivíduos. Além de frequentarem a academia, alguns informantes estão imersos em cursos, por vezes, tidos como elitizados, o que pode dar margem para a construção de um estereótipo referente às práticas linguísticas e sociais que a persona universitária deve exercer.

Acresce mencionar que esta proposta de trabalho reconfigura o tratamento de entrevistas sociolinguísticas (cf. GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014 para uma abordagem), saindo da perspectiva laboviana de primeira onda para centralizar o estilo do falante e não mais os padrões de fala da comunidade, olhando qualitativamente para os dados encontrados na amostra. O embasamento teórico das análises propostas está em Labov (1963, 1966, 1972a, 2010), Scherre (1988, 1997), Eckert (2005, 2012), Camacho (2010), Freitag, Martins e Tavares (2012), Hora (2014), Severo (2014), entre outros autores. Desta forma, partimos da trajetória histórica dos estudos sociolinguísticos, apresentamos os postulados das três ondas da Sociolinguística (ECKERT, 2012) com enfoque especial na terceira onda e destacamos a importância da variação estilística como prática identitária dos sujeitos sociais, que se valem de posturas repetidas socialmente e linguisticamente para construir a sua identidade.

Esperamos que as discussões que sucedem esta seção sejam de grande relevância para outros pesquisadores que escolherem abordar o estilo a partir do recurso metodológico

---

5 As entrevistas realizadas estão disponíveis no VARSUL (UFSC).

6 O trabalho de Guy e Zilles (2007) traz uma abordagem da Sociolinguística Quantitativa.

7 Reiteramos que pesquisas de primeira onda também abordam condicionadores extralinguísticos, mas enfocam a correlação entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais (classe, sexo, idade, etnia etc.) a fim de encontrar padrões sociolinguísticos regulares (LABOV, 1972a).

entrevista sociolinguística. Para além do que foi comentado, privilegamos o estilo por julgarmos necessário discutir identidade (cf. OUSHIRO, 2019 para uma visão sobre conceitos de identidade e pesquisas sociolinguísticas) e práticas linguísticas que validam a construção de uma persona em dado contexto social.

### **Pressupostos teóricos: os caminhos trilhados**

A consolidação da Sociolinguística como área dos estudos linguísticos se deu a partir da década de 1960, com o lançamento de “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” de Weinreich, Labov e Herzog, citados a seguir como WLH (2006 [1968]); e as pesquisas desenvolvidas individualmente por Labov (1963, 1966). Os autores lançaram mão de conceitos fundamentais para o estudo da linguística social, sendo o principal: a ideia de variação linguística, em que a língua é compreendida como um sistema heterogêneo, que varia de maneira ordenada e sistemática. Em oposição a Saussure, que interpretava a língua como um sistema homogêneo, WLH (2006 [1968]) entendem a língua como um reflexo da estrutura social, permitindo que ela mude e os indivíduos continuem a se entender.

Severo (2014) sinaliza que Labov (1972a) concebia a língua como um fato social, uma estrutura heterogênea, de modo que o seu caráter variável e mutável se vincula a fatores sociais, estilísticos e linguísticos. O autor apostava na correlação entre forças estruturais e linguísticas atuando no funcionamento da língua, as quais se apresentavam nas diferentes comunidades de fala. Entretanto, Labov (1972a) reconhecia o social como exterior à língua. O autor abordava a língua, a mudança e a variação em termos de comunidade de fala, colocando o falante em segundo plano: “[...] a língua é um padrão abstrato localizado na comunidade de fala e exterior ao indivíduo” (LABOV, 2010, p. 7). O autor mencionava ainda que a língua é um fato social que depende de outros fatos sociais para o seu pleno funcionamento: “Para Labov, trata-se de um social atravessado por uma perspectiva empírica que privilegia a dimensão estrutural, como os níveis fonológico e morfossintático” (SEVERO, 2014, p. 37).

De acordo com Camacho (2010), a maior crítica feita à metodologia laboviana variacionista quanto ao social diz respeito ao fato da exteriorização do falante, ao seu esvaziamento enquanto condutor do próprio discurso. Nesse sentido, coube à Eckert (2000, 2005) se inquietar e reconfigurar o conceito de variável linguística, atribuindo a esse fenômeno um lugar privilegiado para a construção do significado social da linguagem. Na expectativa de adentrar ao significado social nos estudos variacionistas, a autora projetou a trajetória da pesquisa sociolinguística dos últimos quarenta anos em uma teoria que estabelece três ciclos de práticas analíticas, popularmente conhecidos como as três ondas da Sociolinguística (ECKERT, 2012).

Seguindo Eckert (2005, 2012), a primeira onda é marcada por estudos de natureza quantitativa, o foco está em estabelecer relação entre variáveis linguísticas e categorias macrosociais primárias, como: sexo, idade, escolaridade, classe socioeconômica etc. Os estudos de primeira onda são baseados na realização de entrevistas sociolinguísticas, em que se constitui uma amostra homogênea. Estratificados em células sociais, os informantes são agrupados em categorias sociodemográficas em uma comunidade de fala, de modo que se investiga o uso de certo fenômeno linguístico e a forma como este uso da língua é avaliado pelos próprios falantes.

Um recurso importante do qual os estudos labovianos se valeram na primeira onda é o paradoxo do observador, em Labov (1972a) definido como o meio de investigação que busca identificar como os sujeitos falam quando não estão sendo sistematicamente observados. Para tanto, esse tipo de leva metodológica fez uso de entrevistas sociolinguísticas tradicionais, em que se promove uma situação agradável para o uso do vernáculo<sup>8</sup> através de questionamentos sobre a experiência pessoal do falante, fazendo com que o monitoramento seja baixo pelo envolvimento com a situação discursiva. De acordo com o autor, uma das questões que mais funciona para o alcance do vernáculo está relacionada com a temática “risco de morte”.

Na visão de Eckert (2005, 2012) o interesse das pesquisas labovianas de primeira onda se concentram na captura do vernáculo. À medida que o vernáculo é a primeira produção linguística, não sofre influência da correção social e tende a não ser monitorado. Tendo em conta esses fatores, pode-se dizer que a variação não foi tratada como uma escolha do falante, mas como resultado de um monitoramento natural, que surge das situações discursivas em que o indivíduo está inserido no uso que faz da língua. Em linhas gerais, os estudos da primeira onda tinham como centro a variação da fala em contextos distintos, impulsionada por diferentes tipos de motivações.

A primeira onda viu a mudança linguística emergir de dentro do sistema linguístico e ser influenciada por aspectos extralinguísticos:

A primeira onda viu a mudança linguística como emergindo de pressões dentro do sistema linguístico, primeiro afetando a fala daqueles menos sujeitos à influência da linguagem padrão e se espalhando através de populações cada vez mais resistentes à mudança. Ao mesmo tempo, uma variedade de variáveis que não são mudanças em andamento são estratificadas como resultado de coisas como contato dialetal e resistência à padronização. A perspectiva da primeira onda sobre o significado baseava-se na hierarquia socioeconômica: as variáveis eram tomadas para marcar o status socioeconômico e as dinâmicas estilísticas e de gênero eram vistas como resultantes dos efeitos dessas categorias na orientação dos falantes para o lugar atribuído nesta hierarquia (ECKERT, 2012, p. 90, tradução das autoras).

---

8 O vernáculo é o uso da língua que sofre menor monitoramento, o uso espontâneo, utilizado quando se fala com os amigos, com a família, em momentos informais com menos atenção prestada à fala (LABOV, 1972a).

Ainda nas teorizações de Eckert (2005, 2012), cabe mencionar que os estudos de primeira onda representam mudanças sonoras em andamento. Todavia, a variação não é motivada apenas pela fala, mas pelos condicionadores sociais que a cercam. Os padrões de fala podem mudar ao longo da vida, podem ser mais monitorados na juventude e menos monitorados na velhice, indicando que fatores sociais podem interferir no uso que se faz da língua. Resumidamente, as pesquisas do primeiro ciclo adentraram em uma perspectiva ampla sobre as categorias sociais, não aprofundando a motivação dessas categorias, o seu funcionamento em dada comunidade e o impacto nos falantes.

A segunda onda, por sua vez, caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, em que se volta o olhar para comunidades menores, em um intervalo de tempo consideravelmente longo, para alcançar um retrato de variáveis linguísticas locais (ECKERT, 2005, 2012). Para Camacho (2010), a ideia de investir em estudos etnográficos está atrelada ao interesse de reconhecer práticas locais mais salientes nos contextos de comunidades menores, através da observação estendida da dinâmica social. Freitag, Martins e Tavares (2012) complementam que os estudos de segunda onda também são de natureza quantitativa, mas se valem da perspectiva etnográfica para compreender como as categorias macrosociais funcionam e são motivadas na dinâmica local de certa comunidade. Esta dinâmica local corresponde às práticas específicas com a linguagem, de modo que traços identitários de dado grupo se tornam mais salientes nesses contextos, revelando uma noção de pertencimento àquela comunidade de fala, àquele grupo de falantes.

Especificando, esses traços locais salientes estão estritamente ligados ao significado social (ECKERT, 2000), ao passo que podem ser tomados como positivos, ao serem incorporados e reconhecidos, ou negativos, quando marcam diferenças sólidas com outros grupos, outras comunidades. O panorama dos estudos etnográficos deixa claro que se algumas variantes são estigmatizadas em um plano geral de uso da língua, quando passam a ser integradas e associadas a valores e práticas locais há a possibilidade de se tornarem positivas, uma vez que fazem parte da dinâmica local, logo expressam pertencimento (ECKERT, 2005, 2012; CAMACHO, 2010). Nesse tipo de abordagem, o enfoque recai sobre os conceitos de comunidades de fala e de identidade de grupo (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012).

Na visão de Eckert (2005, 2012), a segunda onda emergiu para mostrar o lado social do vernáculo em termos de entidade representativa de um grupo, colocando-o como uma expressão identitária local. Dentre os trabalhos deste ciclo, Eckert (2012) cita três exemplos: a) o estudo de Labov (1972b) acerca do inglês vernacular afro-americano (AAVE), que revela o uso de traços vernaculares por adolescentes para marcar pertencimento a um grupo de pares, de modo que tal uso indexicaliza status e o pertencimento àquela comunidade de prática; b) a pesquisa de Milroy (1980), em que o autor se debruça sobre a variação fonológica nas redes sociais da comunidade de Belfast. Trata-se de focar comunidades de classe operária e examinar a relação entre engajamento local e uso do vernáculo (CAMACHO, 2010; FREITAG; MARTINS;

TAVARES, 2012), provando que o uso de variantes vernaculares se associa à cultura local, e abre espaço para o entendimento acerca da densidade e da multiplicidade da rede de relações do falante; e c) o estudo da autoria de Eckert (2000) sobre a função das categorias *jokers* e *burnouts* na indexação de classe socioeconômica em grupos de adolescentes em uma escola na área suburbana de Detroit. A partir dos usos e recursos linguísticos dos adolescentes, a variação é estratificada por classes: *jokers* para a classe média e *burnouts* para a classe trabalhadora.

Em Eckert (2005, 2012) se encontra a concepção de que os estudos de primeira e segunda onda focam na estrutura linguística e explanam, em segundo plano, a interferência do social na estrutura. Já os estudos de terceira onda adentram a estrutura e almejam demonstrar o significado social da variação, sendo o falante o ponto chave para entender o funcionamento de categorias macrossociais em determinada comunidade:

Os estudos de primeira e segunda ondas, segundo Eckert (2012), têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922).

Conforme antecipado, os estudos de terceira onda saem da esfera da comunidade, amplas na primeira onda e restritas na segunda, para adentrarem na perspectiva do indivíduo, buscando compreender a interação do falante com o seu grupo de pertencimento. Em vista disso, a terceira onda incorpora o social como parte fundante da variação, situada no falante. Nas palavras de Camacho (2010, p. 158): “[...] centra o foco na variação vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala, mas como um recurso para a construção de significado social”. O autor ainda complementa alegando que Eckert (2005, 2012) enxergou nos estudos de terceira onda a necessidade de conectar as categorias macrossociais e o seu funcionamento nas comunidades com a experiência do falante, chegando ao conceito de comunidade de prática.

Nos estudos de terceira onda, o foco de análise passa a ser as comunidades de prática, ao invés das comunidades de fala. As comunidades de prática<sup>9</sup> são constituídas por indivíduos que compartilham valores, perspectivas, conhecimentos e interagem entre si com os mesmos objetivos. Interagindo e ao mesmo tempo, diferenciando-se de outras comunidades pelas práticas que exercem, as comunidades de prática marcam uma construção social de indivíduos pelas suas identidades e funções na sociedade. As comunidades de prática são distintas, podem ser grandes ou pequenas, relacionadas ou difusas, além disso, elas podem nascer ou morrer, e aceitam a alternância de membros em seu interior (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010). Do mesmo modo, a identidade dos membros se relaciona com a sua própria participação na comunidade de prática, fortalecendo a ideia de pertencimento:

---

9 O trabalho de Salomão-Conchalo (2015) é um exemplo de estudo etnográfico que identificou diferentes comunidades de prática em uma escola de São José do Rio Preto-SP.

Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobretudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturam socialmente a comunidade (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 102).

O foco nas comunidades de prática representa, dentre tantas coisas, que o estilo e a expressão da identidade através da variação são os pontos-chaves dessa onda. O estilo passa a ser visto como a combinação de variáveis distintas para a criação de um modo específico de fala (HORA, 2014), o qual traz à tona traços identitários de pertencimento a um grupo, à uma comunidade de prática. Na terceira onda, a agentividade do falante frente à variação passa a ser analisada. Se outrora o falante era uma entidade à margem dos estudos de variação: “Tal foco possibilita-nos ver o indivíduo como agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 103).

A variação em nível de estilo pode ser entendida como uma necessidade de adaptação aos diferentes contextos. Em outras palavras, um único falante pode carregar estilos múltiplos e uma identidade multifacetada por ser um sujeito social que atua em várias instâncias<sup>10</sup>. O estilo se tornou parte fundante do falante porque permite que ele transite por diferentes situações discursivas sabendo se colocar socialmente e linguisticamente (cf. ECKERT, 2000, 2005 para uma visão de estilo como prática social). Nesse sentido, tanto os indivíduos como as comunidades de onde são membros se fazem e refazem continuamente, tendo uma identidade múltipla e mutável.

Camacho (2010) salienta que os estudos de terceira onda buscaram privilegiar o significado social da variação ao enxergar no estilo uma forma de demonstrar que o falante possui práticas específicas, que criam a sua identidade tanto social quanto linguística. Hora (2014, p. 29) escreve ainda que a língua deixou de refletir o social para criá-lo:

Quando pensamos sobre a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não são identificadas variáveis individuais. O significado da variação está em seu papel na construção dos estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística envolve não simplesmente localizar variáveis nos estilos, mas entender essa localização como uma parte integral da construção do significado social (HORA, 2014, p. 29).

---

10 Oushiro (2019, p. 306) menciona o conceito de identidades sociolinguísticas, discutindo que as identidades são múltiplas e plurais.



A terceira onda entende a variação como o reflexo de identidades e categorias macrosociais, que deixam de ser vistas no plano geral e passam a ser incorporadas como parte de uma prática linguística estilística, em que o falante se insere na paisagem social através de práticas estilísticas que constituem a sua persona. Eckert (2005, 2012) pontua que uma característica do discurso de certa comunidade pode se destacar e ser retirado do momento de fala para representar um traço icônico daquele grupo, o que pode indexar o pertencimento àquele grupo sem ao menos ser utilizado efetivamente. Em outras palavras, se um falante faz uso de certo traço, ele pode ser considerado como membro daquele grupo, porque indexou em sua prática linguística características icônicas.

Esses traços de pertencimento, aos olhos dos indivíduos que estão no exterior da comunidade, podem servir como características de construção de um estereótipo. Tais traços identitários e estilísticos que marcam estereótipos podem ser utilizados de forma pejorativa, para marcar qualidades, ou podem expressar distinção entre os indivíduos em termos de pertencimento e não pertencimento. O pertencimento a uma comunidade indexaliza uma série de significados relacionados, que não se formam acidentalmente. A variação passa a ser estilística na terceira onda à medida que os indivíduos criam ou se apropriam de um estilo de discurso que combina e vai ao encontro do seu estilo de vida. Para Eckert (2005, 2012), nesse jogo, falantes pertencentes a grupos exteriores se constituem como estrangeiros, e falantes pertencentes a grupos locais, configuram-se como nativos.

Os estudos de terceira onda partem do estilo para explicar o caráter social atribuído à linguagem e à variação<sup>11</sup>. Os recursos estilísticos utilizados pelos falantes são diferentes dependendo da situação em que eles circulam. Seguindo essa lógica, é importante lembrar que o foco está para o indivíduo e não para a comunidade porque: “[...] estilos surgem de posturas repetidamente tomadas<sup>12</sup>” (ECKERT, 2012, p. 96, tradução das autoras).

Os recursos estilísticos são simbólicos, uma vez que trazem um novo leque de possibilidades de atribuir significado social à variação. Diante da nova perspectiva, os falantes passaram a ser agentes estilísticos, que adaptam recursos linguísticos em seus projetos de vida, nas situações sócio-discursivas cotidianas. Eles adaptam o estilo como uma forma de autoafirmação, de indexar sua identidade. Na terceira onda o estilo assume papel fundamental para explicar o social e as potencialidades do falante como membros de uma comunidade que ora fazem uso das mesmas práticas linguísticas e se diferem de outras comunidades, e ora apresentam traços individuais distintos, promovendo uma heterogeneidade:

O conceito-chave para o processo de construção é o de prática estilística. Até aqui, nos estudos variacionistas, o estilo tem sido tratado como ajustes à (in)formalidade da situação mediante o uso de variáveis individuais. A face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam

11 Görski, Coelho e Nunes de Souza (2014) para uma coletânea de trabalhos sobre variação estilística.

12 No original: “[...] styles emerge from repeatedly taken stances” (ECKERT, 2012, p. 96).

variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade. A identidade consiste, por sua vez, em tipos particulares explicitamente localizados na ordem social. Continuamente, os falantes atribuem significado social à variação de um modo consequente, situação que implica certo grau de agentividade (CAMACHO, 2010, p. 159).

A questão nevrálgica dos estudos de terceira onda são os estilos, os quais exprimem significado social e dizem muito sobre quem o falante é e de onde ele atua ao evidenciar a função social e suas posturas repetidas (ECKERT, 2012). O estilo pode ser interpretado como o conjunto de ações dos falantes, em que se combinam, quando se pensa no linguístico, variáveis que criam modos distintos de se utilizar a língua: “O outro lado do estilo é como os falantes combinam variáveis para criar formas distintivas de falar. Essas formas de falar são uma chave para a produção das *personas* e - tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social” (HORA, 2014, p. 29). Esses modos, ao evocarem recursos estilísticos específicos, constroem uma persona, ou seja, o estilo projeta a persona que o falante deseja e simultaneamente, revela a sua identidade apenas com práticas ora sociais ora linguísticas. A persona emerge dos comportamentos e traços identitários do falante, além de ser moldada pelos papéis sociais que eles ocupam e pelos ambientes em que realizam práticas.

Um dos recursos linguísticos que podem atuar na construção da persona e marcar a identidade do sujeito é o fenômeno da concordância nominal (cf. OUSHIRO, 2015; SALOMÃO-CONCHALO, 2015; CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016 para trabalhos que abordam a concordância nominal em uma perspectiva identitária). Quanto a sua realização, Scherre (1997, p. 182) aponta que a concordância é um fenômeno variável no português falado no Brasil, apresentando: “[...] tanto a preservação das marcas redundantes (variantes explícitas) quanto a perda das marcas redundantes (variantes zero), condicionadas por fatores linguísticos e não-linguísticos”. Como qualquer outro fenômeno, a concordância nominal é uma variável dependente, que pode ser analisada a partir de variáveis independentes, dentre elas o estilo.

Faz-se necessário enfatizar que a concordância nominal é um dos lugares da gramática (morfossintaxe) em que ocorre a variação (cf. SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; CARVALHO, 1997; SCHERRE; NARO, 1997; BRANDÃO, 2011; LUCCHESI; DÁLIA, 2020), abrindo espaço para que variantes disputem pela expressão dessa variável, sendo elas: a marcação de concordância e a não marcação. Este fenômeno possibilita uma análise por diferentes vieses, desde discussões quantitativas variacionistas tradicionais de primeira onda até o debate sobre a variação estilística (cf. SALOMÃO-CONCHALO, 2015), típicas de terceira onda. Há uma recorrência histórica nos estudos de concordância de número em abordá-la através de condicionadores linguísticos como: saliência fônica, posição no SN, classe gramatical, contexto fonético/fonológico seguinte, função sintática no SN, traços mórficos e semânticos (SCHERRE, 1988), entre outros. Contudo, este estudo se debruçará sobre a concordância nominal na função de marcador estilístico, almejando desenvolver uma investigação sobre a

sua frequência de marcação na fala de acadêmicos de níveis de letramento distintos. Abordamos a realização dessa variável como um traço identitário desses sujeitos, que reflete na construção de uma persona universitária.

## **Metodologia**

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos nos quais se formatou a pesquisa, descrevemos a coleta e o tratamento dos dados, e o tipo de análise realizada sobre o fenômeno da concordância nominal. As pesquisas que seguem um viés sociolinguístico e variacionista têm como característica o uso de uma metodologia empírica, já que se utiliza de dados reais, coletados de falantes reais, em situações reais de uso.

## **Constituição da amostra**

Este estudo replicou a amostra Deslocamentos (2019), do banco de dados *Falares Sergipanos* e é constituído nos mesmos moldes de Freitag (2013). A coleta piloto<sup>13</sup> foi realizada no ano de 2019 e serviu como objeto de análise de fenômenos linguísticos para os pós-graduandos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Atualmente a amostra faz parte do acervo do Projeto VARSUL.

A amostra de coleta desta pesquisa se deu a partir de entrevistas realizadas com 15 estudantes do campus Florianópolis da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esses entrevistados eram oriundos de 4 deslocamentos, sendo eles: a) Deslocamento 1 - nascido e residente em Florianópolis; b) Deslocamento 2 - nascido na região metropolitana de Florianópolis; c) Deslocamento 3 - Catarinense de outras regiões do estado; e d) Deslocamento 4 - vindos de outros estados.

Além disso, os informantes foram estratificados por nível de letramento. Foram realizadas entrevistas com estudantes de início de curso e de final de curso a fim de reconhecer padrões de marcação de concordância em estudantes de diferentes níveis de letramento. Pelo fato da coleta ser estratificada por deslocamento e fases dos cursos, houve certa dificuldade de encontrar estudantes que se encaixavam nos parâmetros e/ou que tinham disponibilidade para mais ou menos 60 minutos de entrevista. Em função disso, não foi possível estabelecer uma quantidade igual de entrevistas para cada deslocamento, já que a proposta inicial era preencher cada célula social (deslocamentos) com a mesma quantidade de acadêmicos, sendo 4 estudantes de cada um, 2 de fases iniciais (de 1ª a 3ª fase) e 2 de fases finais (de 6ª a 10ª fase). Porém, com as possibilidades de trabalho que encontramos, a distribuição dos entrevistados em cada célula se deu conforme demonstrado no Quadro 1:

---

13 A replicação da coleta foi possível mediante a abertura de emenda no projeto Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), que foi submetido à apreciação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS), vinculado ao Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa - SISNEP, sob aprovação do CAAE N° 0386.0.107.000-11.

**Quadro 1** – agrupamento dos informantes por célula social

DESLOCAMENTOS - DISPOSIÇÃO DE CURSOS E FASES							
DESLOCAMENTO 1		DESLOCAMENTO 2		DESLOCAMENTO 3		DESLOCAMENTO 4	
FASES INICIAIS	FASES FINAIS	FASES INICIAIS	FASES FINAIS	FASES INICIAIS	FASES FINAIS	FASES INICIAIS	FASES FINAIS
2ª fase - Ciências Contábeis	10ª fase - Engenharia de Materiais  9ª fase - ADM	2ª fase - Letras Libras  1ª fase - Odontologia	9ª fase - Odontologia	3ª fase - História  2ª fase - Relações Internacionais	9ª fase - Ciências Econômicas  8ª fase - Direito	3ª fase - Ciência e Tecnologia de Alimentos  2ª fase - Enfermagem  1ª fase - Design de Produto	9ª fase - Engenharia Eletrônica  7ª fase - Engenharia Química

Fonte: elaboração das autoras.

Sabendo que esta foi uma coleta piloto, percebemos que mesmo com essa disposição das células, não houve maiores prejuízos para a análise do fenômeno da concordância nominal. Dentre os procedimentos da coleta, os informantes preencheram uma ficha social com alguns dados pessoais, curso, fase do curso e localidade de residência. As entrevistas sociolinguísticas seguiram os moldes labovianos e foram conduzidas através de um roteiro previamente elaborado com tópicos sobre a família, o trabalho, a região onde mora, o curso, práticas de lazer etc. Alguns questionamentos gerais sobre o mercado de trabalho, política, segurança, educação também constavam no roteiro.

A busca pelos estudantes se deu pelos espaços do campus, onde abordávamos pessoas e convidávamos para colaborar em uma entrevista sobre a experiência da universidade. Não houve identificação como discentes de pós-graduação em Linguística a fim de evitar preocupações com normatização da fala e o monitoramento excessivo. É importante salientar que a busca por informantes e as entrevistas em si foram realizadas pelo grande grupo de pesquisadores da disciplina, de modo que a amostra foi compartilhada por todos para a realização de análises distintas acerca de diferentes fenômenos linguísticos.

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na sala do projeto VARSUL (UFSC), no Centro de Comunicação e Expressão (CCE) no campus Florianópolis. Antes de iniciarmos as entrevistas, repassávamos com os informantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e pedíamos para que preenchessem os seus dados na ficha social. Os entrevistados tinham idades entre 17 e 30 anos. Em relação ao perfil socioeconômico, em geral, a maioria apenas estudava ou participava de projetos de iniciação científica como voluntários ou bolsistas.

Um fator que julgamos ser positivo para o trabalho foi a diversidade de cursos dos informantes encontrados para as entrevistas, essa heterogeneidade contribuiu positivamente

para a análise do perfil social dos acadêmicos da UFSC, ainda que fosse um roteiro único. Das 15 entrevistas realizadas, 14 são de cursos diversificados, sendo eles: Administração (deslocamento 1 - fases finais), Ciências Contábeis (deslocamento 1 - fases iniciais), Design de Produto (deslocamento 4 - fases iniciais), Direito (deslocamento 3 - fases finais), Ciências Econômicas (deslocamento 3 - fases finais), Enfermagem (deslocamento 4 - fases iniciais), Ciência e Tecnologia de Alimentos (deslocamento 4 - fases iniciais), Engenharia de Materiais (deslocamento 1 - fases finais), Engenharia Eletrônica (deslocamento 4 - fases finais), Engenharia Química (deslocamento 4 - fases finais), História (deslocamento 3 - fases iniciais), Letras Libras (deslocamento 2 - fases iniciais), Odontologia (deslocamento 2 - 1 de fases iniciais e 1 de fases finais) e Relações Internacionais (deslocamento 3 - fases iniciais).

### **O fenômeno linguístico investigado**

O fenômeno selecionado para análise é a concordância de número, que aparece nas entrevistas de forma marcada e não marcada. Centrando o olhar na variação estilística, e dando ênfase apenas em condicionadores sociais/extralinguísticos, este estudo tem por objetivo demonstrar como a concordância nominal pode se transformar em um marcador estilístico estereotipado no meio acadêmico, o qual influencia integralmente a construção da persona universitária. Nesse sentido, o foco deste trabalho culmina na investigação do indivíduo, embora as entrevistas sociolinguísticas olhem para a comunidade. Esse tratamento foi escolhido por consideramos como relevantes os seguintes condicionadores sociais: a) o informante; b) o curso; c) o nível de letramento; e d) o deslocamento.

Algumas questões foram levantadas a fim de orientar a investigação, sendo: a) em que medida a marcação de concordância nominal expressiva no contexto acadêmico configura em um marcador estilístico da persona universitária?; b) em que medida há disparidade na realização da variável concordância nominal entre a fala de acadêmicos de início de curso em oposição à fala dos acadêmicos de final de curso?; c) de que maneira a marcação de concordância de número representa uma marca identitária representativa de estilo no meio acadêmico?; d) a fala monitorada, em termos de marcação de concordância de número, é majoritária em diferentes cursos de graduação ou restrita aos cursos mais elitizados?; e) como o perfil social dos informantes contribui para a realização de uma análise fundamentada na perspectiva estilística?

Com base nessas questões de investigação, algumas hipóteses foram levantadas, sendo elas: a) acadêmicos de fases iniciais e de fases finais de curso demonstram um alto índice de marcação de concordância nominal em suas falas; b) não há diferenças significativas entre a marcação de concordância e a não marcação na fala dos acadêmicos de início de curso e os acadêmicos de final de curso; c) a marcação expressiva de concordância nominal configura em um marcador estilístico constitutivo da persona universitária; e d) o perfil social do informante auxilia na delimitação da identidade social e linguística dos acadêmicos da UFSC.

Por fim, parte-se de uma tabulação quantitativa dos dados, objetivando identificar nas entrevistas realizadas as sentenças em que a concordância nominal foi marcada ou não marcada. Mediante essa contabilização, a análise dos dados se deu de forma qualitativa, justamente pela intenção de olhar para o estilo nesses usos. Nas páginas seguintes serão descritos e analisados alguns recortes dos 1.059 dados de concordância de número identificados na amostra. Os dados se dividem entre as variantes marcação (1.011 dados) e não marcação (48 dados) da variável concordância nominal<sup>14</sup>. A compilação dos dados se deu a partir da análise de fala das entrevistas realizadas.

### **Análise qualitativa e estilística da marcação de concordância nominal**

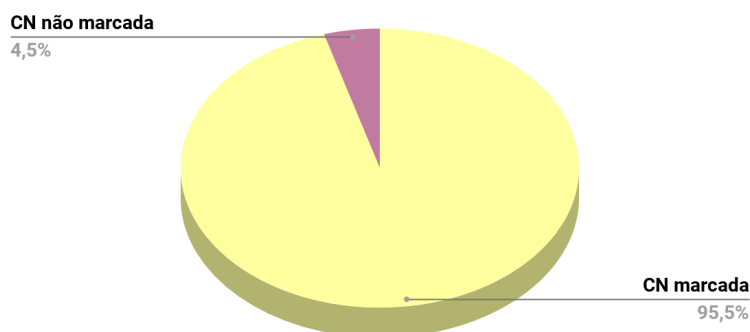
Salientamos que a nossa proposta de análise aborda qualitativamente os dados, discutindo, para além das marcas de variação mais recorrentes e típicas nos SN, formas variáveis relacionadas a algumas expressões idiomáticas e termos que apresentam variação na aplicação das regras de concordância nominal.

Um questionamento importante a ser feito é a função do estilo nesta proposta de discussão qualitativa dos dados. Se entendemos e assumimos o estilo como um fenômeno que marca a identidade linguística e social do falante, de que forma ele se relaciona com uma amostra extraída em uma comunidade de fala? Olhar qualitativamente para a variável concordância nominal através da perspectiva estilística significa entender as variantes marcação e não marcação como práticas identitárias dos informantes analisados. Em outras palavras, tratamos do estilo especialmente pelos resultados que os dados trouxeram: a expressiva marcação de concordância nominal.

Definidas as instâncias em que o estilo será explanado nesta análise, adentramos efetivamente nos dados extraídos da amostra. Em relação à variável concordância nominal, foram encontrados, como já mencionado, 1.059 dados, distribuídos em 1.011 dados com marcação e 48 dados sem marcação, conforme segue:

**Gráfico 1** – ocorrência de concordância de número

#### **Marcação de concordância de número**



**Fonte:** elaboração das autoras.

14 Ressaltamos que o foco da nossa análise não é quantitativo, trouxemos essas informações sobre o número de dados encontrados apenas para contabilizar as ocorrências identificadas na amostra.

De maneira geral, essas ocorrências de concordância marcada, as quais são a maioria, podem ser observadas nas seguintes construções:

- 1) “Eu sempre procurei morar perto da UFSC, nunca gostei de fazer *grandes deslocamentos diários*” (INFORMANTE 1);
- 2) “Você precisa que o país desenvolva *os seus próprios métodos sociais*” (INFORMANTE 1);
- 3) “[...] e Santiago é cercado por montanhas, então você vê *as montanhas cheias de neve*” (INFORMANTE 2);
- 4) “Tem *algumas páginas específicas* que eu gosto muito, tipo Quebrando o Tabu, 9GAG, Floripa Mil Grau, no Facebook” (INFORMANTE 3);
- 5) “É um dinheiro que dava para construir *várias escolas públicas*” (INFORMANTE 4);
- 6) “Eles leem muita coisa da internet, então é tudo muito abreviado, com *muitas gírias cibernéticas*” (INFORMANTE 5).

Nota-se que essas sentenças apresentam sintagmas nominais com a concordância marcada em todos os elementos, em todas as casas, isto é, nas posições pré-nucleares, nucleares e pós-nucleares. Reiteramos, então, que essas construções representam padrões de fala monitorada, oriundos de sujeitos que demonstram, em certo nível, consciência sobre a aplicação das regras de concordância de número.

No caso das ocorrências sem marcação de concordância, a minoria na amostra total, há sentenças em que a variação fica mais explícita e outras, em que é necessária a reflexão sobre as condições gramaticais de aplicação de regras de concordância. Olhando primeiro para as variações explícitas, os seguintes exemplos foram encontrados:

- 7) “Eu gosto de bicicleta. *A minhas atividade físicas* fica mais restritas a isso” (INFORMANTE 1);
- 8) “A minha mãe tem, o meu pai não. A minha mãe, *os livro* que ela consome [...]” (INFORMANTE 4);
- 9) “Eu acredito que fica meio que uma massificação, que vai gerar *consequências negativa*” (INFORMANTE 4);
- 10) “[...] vejo *as criança* da minha família, que eles têm uma dificuldade maior de dicção, uma dificuldade maior pra escrever” (INFORMANTE 5);
- 11) “[...] aqui a gente convive com pessoas de *vários estados diferente...* a gente muda um pouco o jeito de falar” (INFORMANTE 5);

12) “E a gente aprendia os xingamentos *das duas língua* pra se comunicar” (INFORMANTE 8);

13) “Não sei cozinhar... eu faço *uns miojo, umas pipoca, uns café lá*” (INFORMANTE 9);

14) “*As unidade básicas de saúde* têm algumas que já trabalham em um horário estendido” (INFORMANTE 10);

15) “*Pontos positivo*, que é um lugar que aceita todo mundo... não aceita todo mundo, é que são pessoas muito variadas” (INFORMANTE 11).

Tendo ciência de que em um SN o índice de marcação de concordância nominal<sup>15</sup> é maior em elementos pré-nucleares e menor em elementos pós-nucleares (cf. SCHERRE, 1988, 1996 para estudos prévios sobre essa constatação), percebe-se nos trechos acima que algumas ausências de marcação despertam curiosidade ao passo que o informante marcou a concordância nos elementos pós-nucleares (cf. FERNANDES, 1996 para uma visão sobre esse tipo de dado). São exemplos desse tipo de ocorrência: *A minhas atividade físicas* (INFORMANTE 1) e *As unidade básicas de saúde* (INFORMANTE 10). As demais construções ficam restritas à marcação em elementos pré-nucleares, em sua maioria, e não marcação no núcleo do SN.

Em contrapartida a esses usos de não marcação mais explícitos, encontramos algumas sentenças em que a ausência de marcação pode ser explicada por outros fatores, senão os próprios gramaticais. Nas frases a seguir é possível refletir qualitativamente sobre os dados:

16) “*As pessoas* são mais *curta e grossas*” (INFORMANTE 1);

17) “Mas se você vai para o centro, por exemplo, você tem *bastante opções* para fazer” (INFORMANTE 4);

18) “Eu tenho *bastante lugares* que eu gostaria de conhecer, tanto na América quanto na Europa” (INFORMANTE 4);

19) “Ela lê *bastante livros* de padre” (INFORMANTE 4);

20) “Eu gosto muito de comer lasanha, *bastante tipos*, presunto e queijo principalmente” (INFORMANTE 4);

21) “No curso de licenciatura como eu tô, a gente tem *bastante disciplinas* para isso” (INFORMANTE 4);

---

15 Estudos como o de Guy (1981) e Brandão e Vieira (2012) postulam que a 1ª posição no SN é o lugar privilegiado para marcação de concordância de número no português brasileiro. Em dados sobre o português paulistano Oushiro (2015, p. 402) também confirma esse aspecto: “[...] verifica-se uma distribuição extrema quando a palavra ocupa a primeira posição: a taxa de marca zero nesse contexto é de apenas 0,3%”.



- 22) “Ai eu acho assim que o CCB tá caindo *aos pedaço*, tá caindo *aos pedaço* assim, tá ridículo” (INFORMANTE 12);
- 23) “Quem vem direto, assim, da rede pública, sem ter passado por nenhum ensino técnico nem nada, essas pessoas elas têm *bastante dificuldades* no começo da faculdade (INFORMANTE 8);
- 24) “Eu só estudando já faço um negócio meio *nas coxa*, imagina se eu tivesse que trabalhar” (INFORMANTE 9);
- 25) “Na odonto a gente tem *bastante colegas negros* e diminui sim” (INFORMANTE 10).

Diante desse cenário, constata-se que as formas variantes *curta e grossas, aos pedaço e nas coxa* representam expressões idiomáticas, as quais podem ter sido aprendidas e armazenadas pelos informantes justamente nesta configuração e não com a concordância marcada, o que fundamentaria a não utilização das regras de concordância de número<sup>16</sup>. Já as construções que envolvem o uso de *bastante* adentram em outro debate. Especificando, nas gramáticas normativas tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2013), está posto que quando o termo *bastante* precede substantivos no plural e exerce a função de adjetivo ou de pronome indefinido, deve sofrer variação, ficando invariável somente quando corresponder ao uso de um advérbio de intensidade e funcionar como o substituto de  *muito*. No entanto, sabendo dos usos que são feitos desse marcador no português brasileiro, é comum que os falantes tenham internalizado apenas o uso do *bastante* sem a marca de plural, o que justificaria a sua ocorrência na fala de mais de um informante, embora fosse o caso de se utilizar *bastante* com variação.

Oushiro (2015) discorre sobre o uso da expressão “dois pastel e um chopes” ser um estereótipo da fala paulistana, especialmente a fala da região do bairro do Mooca. A autora aponta que nesta expressão há marca zero de plural em “pastel” e um -s adicional em “chopes”, tornando possível a discussão da hipótese de que os moradores do bairro Mooca tendem à marca zero em relação à concordância nominal (p. 393). Nas entrevistas analisadas por Oushiro (2015, p. 396), o uso de “dois pastel e um chopes” gerou comentários metalinguísticos sobre a marca zero de CN ser sinônimo de “não saber falar português”. A autora pontua ainda que as avaliações que associam o uso dessa expressão ao falar paulistano, à imigração italiana e a certos bairros parecem se restringir aos falantes mais velhos. Já os falantes mais jovens tendem a associar o uso dessa expressão com baixa escolaridade (OUSHIRO, 2015, p. 400). Segundo a

---

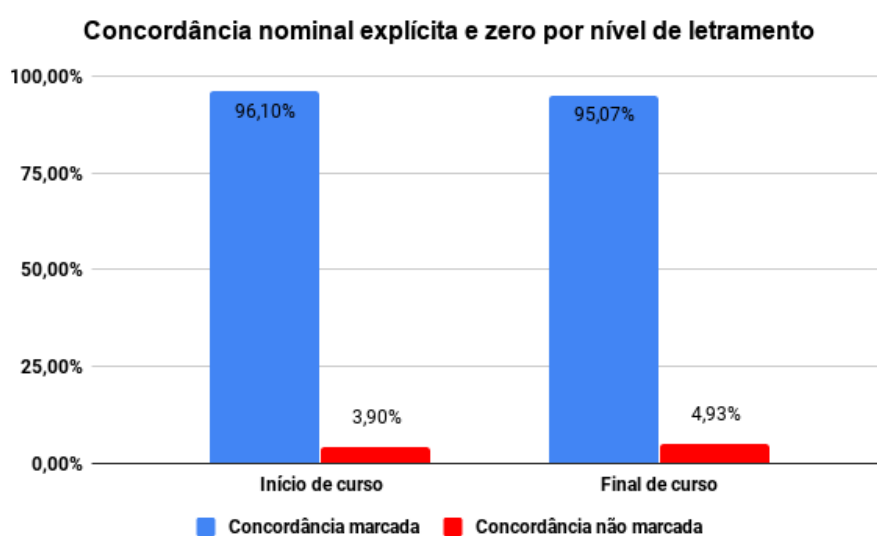
16 Agradecemos a sugestão do parecerista anônimo para explorarmos outras hipóteses relacionadas ao uso dessas expressões idiomáticas, como o lugar em que elas ocupam na língua em relação ao grau de monitoramento. Reiteramos que a investigação desse aspecto é uma motivação de análise futura, que foge do escopo deste trabalho. Fulgêncio (2008) apresenta uma abordagem sobre expressões fixas e idiomatismos no PB, trazendo uma discussão acerca das expressões idiomáticas representarem um tipo de expressão fixa no léxico.

autora, alguns informantes também assumem que a expressão “dois pastel e um chopes” é uma marca de identidade paulistana. No entanto, Oushiro (2015) comenta que a fala dos mais jovens parece indicar que a associação estereotipada da expressão “dois pastel e um chopes” com os paulistanos pode estar em vias de desaparecimento (p. 401).

Para Oushiro (2015), os comentários metalinguísticos analisados acerca dessa expressão, bem como os padrões de variação na comunidade investigada revelam que certos usos linguísticos podem ser associados a certas identidades sociais: “O estudo do significado social da variação, para além dos amplos padrões observados, pode conduzir a novas interpretações da vitalidade de certas formas linguísticas em diferentes comunidades” (p. 422). Apesar de não encontrarmos esse cenário em nossos dados, tendo em vista que Oushiro (2015) trabalhou com a variação na CN e com a associação da marca zero a um grupo específico, discutiremos a seguir que a alta marcação de concordância nominal na comunidade acadêmica investigada também pode funcionar como objeto de análise do significado social da variação. Nesse sentido, a expressiva marcação de concordância pode contribuir para a criação de um estereótipo da persona universitária, passando a existir uma associação entre um grupo (universitários) e um uso linguístico (marcação expressiva de CN). Há uma projeção de expectativa, portanto, de que as marcas zero de CN sejam mais frequentes na fala de sujeitos que não estão inseridos no meio acadêmico, o que reforça o estereótipo da persona universitária.

Apresentadas essas questões gerais sobre os dados encontrados, partimos agora para uma tentativa de responder a uma de nossas questões de investigação: em que medida há disparidade na realização da variável concordância nominal entre a fala de acadêmicos de início de curso em oposição à fala dos acadêmicos de final de curso? Foram encontradas 394 observações de concordância nominal marcada na fala de informantes de início de curso e 16 dados de não marcação; em oposição a 617 ocorrências de marcação em final de curso e 32 dados de não marcação. Esses números devem ser tomados em proporcionalidade:

**Gráfico 2** – realização da concordância de número por nível de letramento

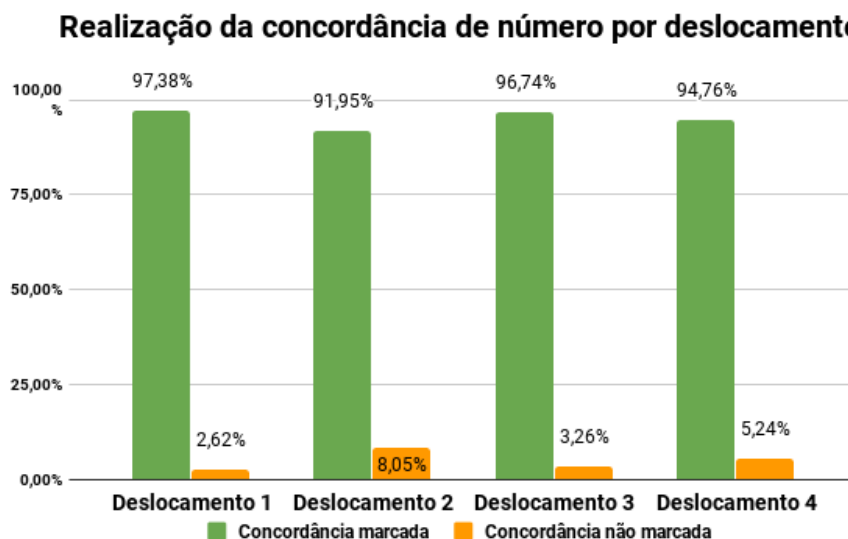


Fonte: elaboração das autoras.

Relativamente, a proporção entre os dados de início e final de curso é semelhante, entretanto, deve-se ter cautela ao comparar de maneira direta as ocorrências nos dois níveis de letramento, em função da quantidade de dados não ser a mesma, com uma diferença, conforme citado, de quase o dobro entre um e outro. Isto significa que não há uma disparidade grande entre os dados de concordância nominal dos informantes de início de curso e os dados de concordância dos informantes de final de curso, ambos marcam e apresentam ausência de marcação de forma semelhante. Seguindo essa lógica, cabe ser enfatizado que além da expressiva marcação de concordância na amostra, no conjunto de observações analisadas também é possível reconhecer que a fala dos informantes indica o seu perfil de sujeitos marcadores de CN, independentemente do nível de letramento em que estão inseridos. Oushiro (2015, p. 421) evidencia que: “[...] a associação de traços linguísticos a grupos de indivíduos reside em suas *frequências* de uso, e não em *tendências*”. Sobre esse ponto, salientamos que os acadêmicos da UFSC que compuseram a amostra são agentes que monitoram a sua fala, o que acarreta pouca não marcação de CN, isto para os dois níveis de letramento: início e final de curso, comprovando uma das hipóteses levantadas. Assim, podemos destacar que esses acadêmicos usam as variantes marcação e não marcação de CN na mesma proporcionalidade.

Quanto aos deslocamentos, apresentaremos no Gráfico 3 um movimento comparativo entre as ocorrências de marcação e não marcação por célula social. Ainda que os deslocamentos não tenham sido preenchidos na mesma proporção (ver Quadro 1), por ser uma coleta piloto, consideramos pertinente ilustrar de que maneira os informantes expressam CN em cada célula social, conforme segue:

**Gráfico 3** – concordância de número expressa por célula social (deslocamento)



Fonte: elaboração das autoras.

Novamente, a noção de proporcionalidade se torna importante para entender como os dados estão sendo postos nesta análise. Em questão de números, a expressão da concordância pode ser esquematizada da seguinte forma: Deslocamento 1: 186 observações de marcação

e 5 de não marcação; Deslocamento 2: 137 observações de marcação e 12 de não marcação; Deslocamento 3: 326 observações de marcação e 11 de não marcação; Deslocamento 4: 362 observações de marcação e 20 de não marcação. No Gráfico 3, o deslocamento 1 apresenta maior diferença em questão de pontos percentuais entre marcação e não marcação, por refletir o resultado proporcional aos dados dispostos acima. Já no deslocamento 2<sup>17</sup> é onde se encontra a maior frequência de não marcação de concordância nominal.

Outro ponto relevante a ser explorado é a alternância de monitoramento ao longo da entrevista. No início, os informantes responderam às perguntas seguindo um protocolo mais formal, o que impulsionou altos índices de marcação da concordância nominal. Ao passo que a entrevista foi se estendendo e o informante se acostumou com a situação comunicativa da qual estava participando, o monitoramento começou a decair e algumas formas variáveis vieram à tona, dando lugar às construções com maiores ocorrências de não marcação. As temáticas também foram importantes para se pensar essa alternância de monitoramento, uma vez que quando as perguntas enfocavam a prática acadêmica, o curso do universitário em si, poucas observações de não marcação foram constatadas. Em oposição, quando os questionamentos adentravam em assuntos como lazer, família, culinária, *hobbies* e lembranças, o nível de monitoramento passava a ser mais baixo, dando margem para construções como:

26) “Em outros lugares sempre tem *uns cara* que passam muito do limite, mano”  
(INFORMANTE 12);

27) “Faz uns três anos eu acho... É que eu fui meio retardado eu acho... sai correndo atrás dele, sei lá... tu tá na tua casa e tem um cara tentando roubar *tuas coisa*” (INFORMANTE 7);

28) “As pessoas mudam também né, a vida muda também, então acho que mudou bastante... e memórias boas eu tenho muitas assim: comendo coxinha *cus muleque* tudo sentado no meio fio, então acho que essas memórias são as que mais ficam” (INFORMANTE 9);

29) “Essa é a diferença, então lá sempre tem alguma coisa aberta, *os lanche* são mais baratos... cê comprava um copo de coxinha no ponto de ônibus por R\$1,00” (INFORMANTE 9);

30) “E aí geralmente reúne toda a família assim, pra descascar milho, pra catar pimenta no pé, é *uns programa* de índio assim” (INFORMANTE 9).

---

17 Um aspecto relevante sobre os deslocamentos é o fato de que a maior frequência de não marcação é atestada no deslocamento 2, em que se localizam informantes que cursam Odontologia, um dos cursos tidos como elitizados na universidade. Há a projeção de uma expectativa de maior monitoramento na fala desses informantes e o uso de uma variedade com pouca variação na aplicação das regras de concordância nominal, conforme será discutido adiante.

Ainda neste contexto, a informante 9 despertou curiosidade ao totalizar 13 ocorrências de não marcação. Faz-se necessário mencionar que essa informante estabelecia certo grau de intimidade com a entrevistadora, já que se conheciam de outras vivências. Mediante esse fator, a queda no monitoramento pode ser justificada à medida que foi possível reconhecer que ela se sentia à vontade durante a entrevista. Em vários momentos houve descontração entre ambas e a partir disso é que as observações de não marcação emergiram. Pode-se dizer que o vernáculo foi alcançado, sobretudo, quando voltamos a analisar a seguinte construção:

31)“Não sei cozinhar...eu faço *uns miojo, umas pipoca, uns café lá*”  
(INFORMANTE 9).

Neste instante, entrevistadora e entrevistada dialogavam sobre o tempo em que moravam juntas em uma república universitária, lembrando as receitas culinárias que fizeram na companhia uma da outra. Ademais, além do grau de intimidade, gostaríamos de destacar que o fato dessa informante apresentar mais marcas de não marcação de CN pode ser fruto de suas próprias práticas identitárias de uso da língua, revelando a sua prática estilística, que além de marcas zero de concordância de número, também é acompanhada de gírias e expressões idiomáticas, demonstrando, por ora, traços locais, estilísticos e identitários.

### **A concordância nominal como um marcador estilístico**

Sabendo que os acadêmicos-informantes estão inseridos no contexto universitário, acaba sendo previsível que eles marquem mais a concordância nominal do que outros sujeitos que não tiveram acesso ao mesmo espaço de letramento. A concordância nominal entra nesta análise como um marcador estilístico à medida que se relaciona também com o perfil social do informante-falante. Falamos da posição de acadêmico e das significações que esses universitários trazem consigo ao serem alunos de dado curso e estarem em dada fase/nível de letramento. Isto posto, destacamos que a principal justificativa para relacionar o estilo e a concordância nominal está na elitização dos cursos que a maioria dos informantes frequenta. Junto de um curso de elite, possivelmente, está um acadêmico que teve acesso às práticas e eventos de letramento que contribuíram para o armazenamento das regras de marcação de concordância nominal, o que reflete em seus usos linguísticos na universidade.

O estilo aqui é reflexo da posição social de universitário e de acadêmico de cursos, por vezes, elitizados. Recuperando o que já fora dito, quando Eckert (2005, 2012) afirmou que estilos emergem de posturas repetidas, referia-se tanto ao linguístico quanto ao social. Partindo dessa premissa, ao olhar para o perfil social do informante através de seus próprios discursos e outras informações, é possível identificar que um estudante de um curso elitizado pode ter tido acesso a uma rotina com práticas de letramento que possibilitam um fazer linguístico mais monitorado, independente do contexto em que esteja circulando. Não é só a universidade que

*Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 24, número 1, p. 203 - 232, 2022.

aguça a marcação de concordância, mas as próprias práticas com a língua que estes sujeitos exerceram anteriormente ao longo de sua história, em diferentes situações comunicativas.

Camacho e Salomão-Conchalo (2016) discutem a relação entre identidade e a marcação variável de CN em comunidades de prática de uma escola pública. Os autores apontam que essa escola é caracterizada por diferentes comunidades de prática, sendo as mais representativas os *funkeiros* e os *ecléticos*. De acordo com os autores, ambos os grupos demonstram diferenças em seus usos linguísticos, o que pode ser moldado pela própria forma de se relacionar com as outras comunidades de prática e com a instituição em que estão inseridos: a escola. Os autores se interessam, sobretudo, pela análise das dinâmicas e das práticas sociais desses dois grupos, que podem refletir o uso variável da CN. Para Camacho e Salomão-Conchalo (2016), a variação de pluralidade no SN pode constituir um campo de significados sociais, o qual pode incidir sobre a construção de identidade. Em relação à variável CN, os autores pontuam que: “[...] o processo variável de concordância nominal nas comunidades de prática faz parte de uma produção estilística ativa de diferenciação social” (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 46). Quanto aos dados quantitativos discutidos para as comunidades de prática dos *ecléticos* e dos *funkeiros*, a aplicação da regra de CN ocorreu em 92,3% dos casos possíveis para os *ecléticos* e em 62% dos casos para os *funkeiros* (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 55). Segundo os autores, a constituição das comunidades de prática e o perfil social dos membros auxiliam na interpretação do significado social da aplicação variável de CN. Para os membros *funkeiros*: “A variação de pluralidade é apenas um recurso estilístico de construção de identidade, ao indexar distanciamento de outros grupos, e mesmo um perfil individual e próprio, que se destaca dos demais membros do mesmo grupo” (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 60). Já para os membros *ecléticos* “[...] aplicar positivamente a regra de CN significa emblematicamente aproximar-se do que é aceitável pela norma padrão, além de assegurar o distanciamento seguro dos funkeiros em relação às diferenças de posição ideológica” (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 60). Na visão dos autores, trata-se de um aproveitamento estilístico que atua na indexação de identidades. Em nossos dados a expressiva marcação de concordância nominal foi interpretada como constitutiva do estilo dos universitários e como um aspecto identitário dessa persona.

Para demonstrar o impacto das práticas sociais na construção da persona universitária, começamos pela própria valorização que os cursos de graduação que os acadêmicos frequentam possuem na sociedade. O Quadro 2 apresenta informações sobre os cursos dos informantes em relação às notas de corte do SISU e o índice de concorrência no vestibular da UFSC:

**Quadro 2** – notas de corte do SISU-UFSC e índice de candidato por vaga no vestibular da UFSC

NOTA DE CORTE SISU-UFSC E ÍNDICE DE CANDIDATOS POR VAGA		
CURSO	NOTA DE CORTE SISU	CANDIDATOS x VAGA
ADMINISTRAÇÃO (DIURNO)	746.21	9,77
CIÊNCIAS CONTÁBEIS (NOTURNO)	752.53	7,42
DESIGN DE PRODUTO	727.83	6,5
DIREITO (DIURNO)	817.68	35.42
CIÊNCIAS ECONÔMICAS (NOTURNO)	761,54	6,74
ENFERMAGEM	779.67	22,04
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	696.71	1,96
ENGENHARIA DE MATERIAIS	772.07	3,04
ENGENHARIA ELETRÔNICA	781.22	5,29
ENGENHARIA QUÍMICA	788.43	22,82
HISTÓRIA (NOTURNO)	747.15	8,63
LETRAS LIBRAS	672.69	4,14
ODONTOLOGIA	771.31	23,83
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	785.3	19,14

**Fonte:** elaboração das autoras com base nas informações divulgadas pela Coperve em 2019 e 2020.

No que concerne à elitização dos cursos de graduação frequentados pelos informantes, observa-se que nem todos apresentam um índice de concorrência de candidato por vaga alto, mas todos passam por uma nota de corte relativamente alta se o ingresso na universidade for pelo SISU. Isto revela que a própria UFSC, enquanto universidade pública federal, é uma instituição de difícil acesso, necessitando, em muitos casos, até mesmo comentados pelos próprios informantes, de uma preparação em cursinhos de pré-vestibular. Se a universidade é de difícil acesso e os próprios universitários reconhecem isso, é porque estamos falando de um meio acadêmico que traz em seu interior cursos prestigiados, que se tornam elitizados na sociedade, como pode ser constatado, sobretudo, pelos dados dos cursos de: Direito, Enfermagem, Engenharia Química, Odontologia e Relações Internacionais, cuja concorrência é significativa tanto no SISU quanto no vestibular da UFSC.

Os cursos dos quais os acadêmicos advêm são um dos fatores que devem ser considerados acerca do seu perfil social. Torna-se necessário salientar também que independente de alguns cursos serem mais prestigiados e elitizados do que os outros, conforme apontado acima, a marcação de concordância continua expressiva na fala dos entrevistados dos outros cursos de

graduação, de modo que essa ocorrência não se restringe somente aos cursos mais valorizados. Isto significa que a fala monitorada, em termos de aplicação das regras de concordância de número, é majoritária entre os entrevistados. A marcação da concordância nominal é um elemento já enraizado na cultura acadêmica, mediante a função social de sujeito letrado acarretada ao acadêmico ao se inserir na universidade.

Ao discutir a relação entre o conceito de identidade e pesquisas sociolinguísticas, Oushiro (2019) aponta que as identidades se relacionam com o social: “As diferentes definições de identidade ressaltam o caráter relacional do conceito, que deve passar, necessariamente, pela relação entre um indivíduo e construtos sociais mais amplos” (OUSHIRO, 2019, p. 322). Logo, pode-se refletir que a identidade dos usos linguísticos pode ser atravessada pelo papel social que os falantes exercem no meio em que circulam. Nesse sentido, a expressiva marcação de concordância na fala dos acadêmicos da amostra demonstra que os seus usos linguísticos, suas práticas estilísticas, são antes atravessados pelo papel social de acadêmico. Ao propormos a discussão sobre a criação de uma persona universitária, adentramos em aspectos identitários e usos linguísticos que caracterizam essa persona.

Assim sendo, os universitários são vistos como indivíduos que controlam e monitoram a sua fala, o que leva à expressiva marcação de concordância. Esta associação entre o perfil de acadêmico e o uso de uma fala monitorada, com usos linguísticos mais próximos ao padrão, é um estereótipo que se consolidou na sociedade, já que esses indivíduos têm acesso às práticas e eventos de letramento diferenciadas, distintas das dos sujeitos que não frequentam a universidade. Nesse sentido, ocupar a posição de estudante universitário implicaria a aplicação das regras de concordância durante a língua em uso. Portanto, a variável concordância de número entra neste jogo de linguagem como um marcador estilístico que constitui a persona universitária e pode ser explicado por três vertentes: a) ao se revelar expressiva na própria fala dos estudantes, sendo uma postura linguística repetida de forma contínua; b) ao estar atrelada com a sua função social de acadêmico; c) ao alimentar o estereótipo criado para diferenciar aquele que está dentro da universidade e aquele que está à margem, fazendo com que o primeiro aplique as regras gramaticais de concordância nominal, sendo esperado que ele as utilize pela sua posição na hierarquia social, e o segundo esteja à margem da academia, sendo esperado que ele realize mais formas variáveis.

A elitização de alguns cursos, o difícil acesso às universidades federais e até mesmo o estereótipo do que é ser um acadêmico contribuem para a manutenção da ideia de que um universitário deve fazer uso de uma linguagem mais próxima à norma culta. Neste entremeio, incorpora-se desde a construção de frases coesas até a utilização de regras de concordância, seja ela nominal ou verbal. Os próprios informantes demonstram consciência da propagação da normatização no meio social em que circulam:



*Na escola até, pelo menos na educação que eu tive, teve um cuidado de dizer: ah, essa é a norma culta, mas não significa que as variantes linguísticas são ruins. Socialmente a gente sabe que se o cara falar 'praneta' as pessoas olham com preconceito ou olham feio né. **Isso ficou até bem mais forte no direito**, porque é incrível como o pessoal gosta de analisar o estilo de escrita da pessoa. Se a pessoa escreve um erro da norma culta bem forte no português as pessoas já julgam... já pensam ó, esse cara não sabe o que tá falando, esse cara é um ignorante... **Tem essa mentalidade muito forte** (INFORMANTE 6, grifos nossos).*

*Porque eu sempre aprendi que existe a forma correta gramatical, mas **a parte linguística não existe a forma correta de falar né...** tipo, tu fala de acordo com o lugar que tu nasceu, que tu vive (INFORMANTE 7, grifos nossos).*

*Incomoda? Incomoda! Mas é porque **alguém te corrigiu algum dia pra incomodar**, te incomoda porque alguém te ensinou que aquilo ia incomodar e tá errado, por isso que te incomoda. Mas fora isso, **nada fora da normalidade... é um incomoda que tipo... social mesmo** (INFORMANTE 9, grifos nossos).*

Tendo consciência de que a língua varia, independente de existir uma norma padrão, os informantes trazem em sua fala a percepção de que até mesmo os acadêmicos podem fazer uso de formas variáveis, indicando a apropriação de variedades com diferentes valores sociais. Outro ponto que merece atenção é o fato de os três informantes trazerem à tona a ideia de julgamento social ao se fazer uso de formas em variação. Estes indivíduos reconhecem que a língua não é homogênea, sendo constituída de práticas identitárias e heterogêneas, ligadas às características dos próprios sujeitos. Ao mencionarem que as pessoas utilizam variedades locais, relacionadas às suas regiões de origem; e ao salientarem que a sociedade julga e se incomoda com quem faz uso de formas em variação, por saberem da exigência de se utilizar a norma culta, estão, automaticamente, evocando as concepções de adequação, identidade e práticas locais, componentes da perspectiva estilística.

Ao refletirmos sobre a citação do acadêmico de direito (informante 6), pontuamos duas reflexões importantes para este estudo: 1) efetivamente existe um estereótipo quanto ao estilo dos acadêmicos, de modo que se espera que eles façam o uso da língua mais próximo da norma culta possível, expresso especialmente na construção: “Se a pessoa escreve um erro da norma culta bem forte no português as pessoas já julgam... já pensam ó, esse cara não sabe o que tá falando, esse cara é um ignorante”. Este estereótipo é reforçado tanto pelos sujeitos que não estão inseridos na academia, quanto pelos acadêmicos ao se sentirem, ainda que não intencionalmente, pressionados a fazerem uso de uma linguagem monitorada, que segue o padrão. No que tange à noção de “erro” ao qual o informante se refere, podemos trazer a própria concordância de número para o debate, tendo em vista que a não marcação da concordância nominal é um fenômeno que pode gerar estigma no meio social.

O segundo ponto de reflexão é: 2) o perfil social é importante para se traçar as características estilísticas de uma persona, de modo que este informante que advém de um curso elitizado - o

direito - apresenta consciência de que ser um acadêmico de direito implicaria não fazer uso recorrente de formas em variação. Mais uma vez entramos na questão do estereótipo, só que por outra ótica: aqui o acadêmico vem de um curso prestigiado, em que se idealiza uma persona universitária letrada. A relação entre o valor atribuído a um curso de graduação, o estilo e a construção de uma persona universitária se traduzem nos seguintes trechos: “Isso ficou até bem mais forte no direito. [...] Tem essa mentalidade muito forte”. Por consequência, refletimos que ser um acadêmico imerso na cultura do direito, ser um acadêmico de um curso, por vezes, tido como elitizado, pode acarretar a expectativa de que se ocupe a posição de falante ideal, que utiliza uma língua invariável e homogênea. Isto implicaria preservar continuamente um fazer linguístico sem o uso de variantes com valor social desprestigiado. No que diz respeito à variável deste trabalho, implicaria fazer uso de uma fala marcada por concordâncias de número realizadas, independente da situação comunicativa.

Em uma última instância, evidenciamos que os informantes têm consciência das escolhas linguísticas que fazem ao usarem a língua, e das escolhas que esperam que eles façam mediante a posição de universitários - sujeitos altamente letrados - que ocupam na sociedade. Trabalhar com perfil social a partir dos cursos de graduação possibilitou que abordássemos o condicionador informante, uma vez que traçamos fatores importantes para que se compreenda o movimento de construção da persona universitária através das atribuições sociais que os acadêmicos carregam. A inserção no meio acadêmico fomenta a criação de um estereótipo do que é ser universitário e quais funções estes sujeitos sociais devem exercer com a língua. Se é esperado que os acadêmicos, por estarem imersos na academia, utilizem uma variedade mais próxima da norma culta, também é esperado que eles apliquem as regras de concordância de número, marcando integralmente os elementos dos SN durante os seus registros orais e escritos. Não só é esperado, como foi confirmada a expressiva marcação de CN na fala dos informantes-acadêmicos, fazendo com que o uso de formas em variação observado ao longo das entrevistas fosse pouco expressivo em um cenário com tantas marcações.

As discussões propostas ao longo desta seção se alinham com as hipóteses previamente estabelecidas neste estudo: a concordância nominal é um marcador estilístico de construção da persona estereotipada do acadêmico da UFSC à medida que o estilo desses sujeitos está estritamente ligado à função social de acadêmico, em que se prevê um uso culto da língua. A expressiva marcação de concordância nominal pode ser interpretada como uma postura linguística repetida, relacionada à cultura social em que os acadêmicos circulam e atuam. Cabe indicar que o processo de construção de uma persona não depende exclusivamente das escolhas estilísticas que o falante faz, mas também da visão exterior do outro, que avalia e atribui significação às práticas sociais e linguísticas exercidas.

## **Considerações finais**

As pesquisas realizadas no campo da Sociolinguística Variacionista, com foco na descrição e análise linguística, têm sido um importante material de reflexão sobre a língua em uso e a sua associação com os contextos sociais. Quando assumimos a língua como objeto de estudo, entendendo a sua estrutura heterogênea e sistemática, e considerando-a parte do contexto social dos falantes, podemos perceber que são muitos os fatores que atuam sobre ela, condicionando sua dinamicidade. Por conta disso, a reflexão e análise realizada nesta pesquisa se apoiam nos estudos de terceira onda, já que esse ciclo volta o olhar para o falante. Em nosso estudo investigamos a fala de acadêmicos de alguns cursos da UFSC, buscando entender as práticas linguísticas que constituem a sua persona, adentrando na questão do estilo.

Partindo do viés da terceira onda, percebemos que a construção da persona universitária (dos acadêmicos da UFSC) tem como forte característica a expressiva marcação de concordância nominal enquanto prática identitária. Ainda que a atenção voltada aos dados tenha sido qualitativa, não podemos deixar de destacar que dos 1.059 dados encontrados, 95,5% apresentaram marcação de concordância de número. Obter esse resultado em um estudo que contou com universitários de cursos distintos, com diferentes níveis de letramento e oriundos de deslocamentos diversos é bastante significativo para as reflexões sobre construção da persona universitária e seus usos linguísticos.

Quando apresentamos as taxas de proporcionalidade, tanto em nível de letramento (início e final de curso) como de deslocamento, confirmamos que a marcação da concordância nominal é um fator indicativo de construção de um perfil acadêmico de monitoramento da fala. Do mesmo modo, consideramos a elitização de alguns cursos um fator social importante na relação entre estilo e concordância nominal. Explica-se à medida que acadêmicos de cursos concorridos e com altas notas de corte no SISU, provavelmente, já entraram na universidade com um alto nível de letramento, em decorrência de práticas sociais e linguísticas anteriores. A construção de uma persona universitária, associada a certos usos linguísticos, pode ser reflexo de um estereótipo cristalizado na sociedade, o qual espera comportamentos linguísticos específicos dos sujeitos que frequentam a universidade.

Tendo como base os resultados da análise e todos os aspectos levantados, afirmamos que a marcação de concordância nominal pode ser interpretada como um marcador estilístico, cuja expressão é fundante no processo de construção identitária da persona universitária. Estilos emergem de posturas linguísticas e sociais, pessoas adotam estilos, fazendo e refazendo as suas identidades de maneira contínua.

## Referências

- BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*, v.15, n.1, p.164-178, 2011.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, v. 56, n.3, p. 1035-1064, 2012.
- CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *Revista Delta*, v.26, n.1, p.141-162, 2010.
- CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. *Todas as Letras*, v.18, n.2, p.46-63, 2016.
- CARVALHO, H. M. de. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. João Pessoa: UFPB, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), UFPB, João Pessoa, 1997.
- COPERVE. “Relação Candidatos/Vaga”. *Vestibular UFSC 2019*, Florianópolis. Disponível em: <<https://vestibular2019.ufsc.br/relacao-candidatos-vaga/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.
- COPERVE. Notas Máximas e Mínimas – Classificados: UFSC/SISU 2020. *Seleção UFSC/SISU 2020*. Disponível em: <<https://sisu2020.ufsc.br/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Variation, convention and social meaning*. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde coabitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 93-108.
- FERNANDES, M. *Concordância nominal na Região Sul*. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 1996.
- FONSECA; FRANCESCHINI; LOREGIAN-PENKAL. Análise da concordância nominal em Guarapuava, Paraná. *Revista Interfaces*, v. 9, n. 2, p. 127-140, 2018.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Revista Alfa*, v.56, n.3, p. 907-934, 2012.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v.14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FULGÊNCIO, L. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC Minas, Belo Horizonte, 2008.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. 1981. Thesis (PhD), University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 67-92.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 19-30.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*, v.18, p.1-42, 1963.

\_\_\_\_\_. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Cent. Appl. Ling, 1966.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

\_\_\_\_\_. *Language in the inner city: studies in Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. vol. 3: Cultural and cognitive factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LUCCHESI, D.; DÁLIA, J. Equacionando o efeito da posição na variação da concordância nominal de número. *Revista Linguística*, v.16, número especial comemorativo, p. 771-798, 2020.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

OUSHIRO, L. Dois pastel e um chopes: a concordância nominal e identidade(s) paulistana(s). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 389-424, 2015.

\_\_\_\_\_. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 63, número especial, p. 304-325, 2019.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. São José do Rio Preto, UNESP, 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UNESP, São José do Rio Preto, 2015.

SEVERO, C. G. Estilo, variação linguística e discurso. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 31-49.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras (UFRJ), Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA, G. M. de; SCHERRE, M. (org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 85-118.

\_\_\_\_\_. Concordância nominal e funcionalismo. *Revista Alfa*, v.41, p.181-206, 1997.

SCHERRE, M.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, D. da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 93-114.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolingüística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Coleção Linguística. v.3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93-121.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].